

**Everton Luís Teixeira**  
Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA), onde também atua como docente de Literatura em Língua Portuguesa na Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança (FALE/CBRAG/UFPA). É autor de livros e artigos acerca da obra do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967) e coordena o projeto de pesquisa intitulado Repercussões ocidentais entre a Literatura e a Historiografia desde 2018.

## “O SOFRER ARRANHADO PELAS PALAVRAS”: HISTÓRIA E LITERATURA EM UM “CRONICONTO” DE GUIMARÃES ROSA

### RESUMO

Passados oitenta anos da Segunda Guerra (1939-1945), este artigo realiza um exame comparativo entre a produção literária e a historiografia do século XX, com destaque para Eric Hobsbawm (1917-2012), ao analisar “O mau humor de Wotan”, narrativa que abre *Ave, palavra* (1970), de João Guimarães Rosa (1908-1967). Emulando a ambiguidade das relações humanas e de poder no período, a ficção rosiana combina estruturas do conto e da crônica, motivo pelo qual denomino essa e outras narrativas de sua experiência alemã de “croniconto”. Nela, o autor retrata o contexto beligerante alemão por meio do casal Hans-Helmut e Márion Heubel, personagens ficcionais e amigos reais de Rosa durante sua atuação como cônsul em Hamburgo, cujas vidas foram devastadas pelo projeto expansionista de Hitler (1889-1945), o “Wotan” do título. Com base em levantamento bibliográfico e no retrato da Alemanha às vésperas da guerra, o estudo desenvolve leitura dialética que mostra como episódios da história ocidental permeiam a ficção rosiana, ao mesmo tempo em que esta preenche lacunas historiográficas. Amparado na Estética da Recepção de Jauss, sobretudo no horizonte de expectativas, o artigo examina o percurso das sociedades ocidentais no “breve século” de Hobsbawm (*Era dos Extremos*, 1994), buscando compreender formas de subsistir diante da crise dos valores iluministas. A articulação entre literatura e historiografia permite, assim, ampliar a interpretação de uma das faces da contemporaneidade, marcada pela ruína de impérios e pelo abalo da civilidade frente à violência.

**Palavras-chave:** Eric Hobsbawm. Guerra. Guimarães Rosa. “*O mau humor de Wotan*”. Século XX.

## EL SUFRIMIENTO ARAÑADO POR LAS PALABRAS”: HISTORIA Y LITERATURA EN UN “CRONICUENTO” DE GUIMARÃES ROSA

### RESUMEN

Transcurridos ochenta años desde la Segunda Guerra Mundial (1939-1945), este artículo realiza un examen comparativo entre la producción literaria y la historiografía del siglo XX, con énfasis en Eric Hobsbawm (1917-2012), al analizar “El mal humor de Wotan”, narrativa que abre *Ave, palabra* (1970), de João Guimarães Rosa (1908-1967). Emulando la ambigüedad de las relaciones humanas y de poder del período, la ficción rosiana combina estructuras del cuento y de la crónica, razón por la cual denomino este y otros relatos de su experiencia alemana como “cronicuento”. En él, el autor retrata el contexto beligerante alemán por medio de la pareja Hans-Helmut y Márion Heubel, personajes ficticios y amigos reales de Rosa durante su actuación como cónsul en Hamburgo, cuyas vidas fueron devastadas por el proyecto expansionista de Hitler (1889-1945), el “Wotan” del título. Con base en un levantamiento bibliográfico y en el retrato de Alemania en vísperas de la guerra, el estudio desarrolla una lectura dialéctica que muestra cómo episodios de la historia occidental permeaban la ficción rosiana, al tiempo que esta llena lagunas historiográficas. Apoyado en la Estética de la Recepción de Jauss, especialmente en el horizonte de expectativas, el artículo examina el recorrido de las sociedades occidentales en el “siglo breve” de Hobsbawm (*Era de los extremos*, 1994), buscando comprender formas de subsistir ante la crisis de los valores ilustrados. La articulación entre literatura e historiografía permite, así, ampliar la interpretación de una de las facetas de la contemporaneidad, marcada por la ruina de imperios y el deterioro de la civilidad frente a la violencia.

**Keywords:** Eric Hobsbawm. Guerra. Guimarães Rosa. “*O mal humor de Wotan*”. Siglo XX.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO  
COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL  
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

## INTRODUÇÃO

Como fruto da pesquisa de mais de uma década acerca dos vínculos que se estabelecem entre a historiografia contemporânea e a obra de João Guimarães Rosa (1908-1967), este trabalho desenvolve um estudo comparativo e temático entre algumas produções historiográficas que tangem alguns fenômenos sociais ocorridos no decurso da primeira metade do século XX, como os estudos realizados pelo historiador Eric John Hobsbawm (1917-2012) e a narrativa de Guimarães Rosa enfeixada em sua coletânea póstuma *Ave, palavra* (1970), organizada pelo seu amigo e intelectual de origem húngara Paulo Rónai (1907-1992).

Tomando como ponto de partida para o presente artigo a mister preocupação em lembrar aos possíveis leitores que, cronologicamente, em setembro de 2025, o mundo, espera-se, recordará o desfecho de um dos episódios mais tristes e hediondos de sua história contemporânea, a saber: a chegada aos oitenta anos do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), conflito *total* em que — apesar dos gastos de recursos e com infraestrutura, além do contingente de sacrifícios de populações inteiras — o globo saiu sem grandes vencedores verdadeiros, a não ser, talvez, a derrocada sem precedentes da humanidade frente às forças maléficas da violência e da barbárie, como, por exemplo, as práticas genocidas contra determinados grupos étnicos.

Ao debruçar-me em um levantamento bibliográfico e analítico sobre uma narrativa em especial da lavra rosiana<sup>1</sup>, busca-se espriar a discussão sobre a obra de Guimarães Rosa, repensando alguns aspectos envoltos na inter-relação entre a Literatura, a História e o desenvolvimento das sociedades no decurso do século passado, tais como, por exemplo, trazer um exame dos sentimentos e pavores experimentados por indivíduos sobreviventes do naufrágio ocidental da humanidade, isto é, contribuir com a construção de um panorama do século XX trazendo aquelas

---

<sup>1</sup> O conjunto ficcional forjado por João Guimarães Rosa compreende um total relativamente magro de apenas nove volumes, a saber: *Sagarana* (contos, 1946); *Corpo de baile* (contos e novelas, 1956); *Grande sertão: veredas* (romance, 1956); *Primeiras estórias* (contos, 1962); *Tutaméia* (contos, 1967) e os póstumos *Estas estórias* (contos, 1969); *Ave, palavra* (miscelânea, 1970); *Magma* (poemas, 1997) e *Antes das primeiras estórias* (contos, 2011).

peças do “não-contável” pela História, mas que abundam em algumas páginas escritas pela ficção.

Desta maneira, o presente exame se oferece como um desdobramento do interesse acerca dos diálogos tecidos entre algumas correntes dos estudos históricos forjadas no século XX, mas que se mantêm demasiadamente atuais devido à repetição de tristes velhos equívocos políticos, ideológicos e sociais ocorridos no Ocidente como a expansão dos movimentos autoritários e o cosmopolitismo da violência militarizada.

Adentrando o universo diversificado de Guimarães Rosa inscrito na miscelânea *Ave, palavra*, denota-se que quatro das 56 narrativas dessa coletânea retratam o período compreendido entre os anos de 1938 e 1942. Tais composições aparecem dispostas na seguinte ordem “O mau humor de Wotan”; “A velha”; “A senhora dos segredos” e, com um enredo um pouco mais distante das demais produções, “Homem, intentada viagem”.

Das narrativas acima, somente as três primeiras são lembradas pela extensa gama de ensaístas que compõem a recepção e a fortuna críticas do autor mineiro e tão somente “O mau humor de Wotan” ganha destaque em trabalhos que tratam do testemunho do autor sobre o gradual cosmopolitismo do terror nazista na época em que Guimarães Rosa exerceu um papel dubiamente perigoso dentro do consulado brasileiro em Hamburgo em prol, sobretudo de judeus: a saber, o de driblar as exigentes normas antissemitas fixadas não somente pelo Brasil, com a implantação do Estado Novo de Vargas (1882-1954) um ano antes, mas também por um concerto de quase todas as Embaixadas latino-americanas por todo o Velho Continente. Este momento de profunda desumanidade na Alemanha é imposto pela figura onipresente de Adolf Hitler (1889-1945) e o avanço do terror promovido pela sua postura de extremíssima direita, a qual lançaria o mundo na guerra total<sup>2</sup> declarada às minorias

---

<sup>2</sup> Conceitos como *conflito total* e *guerra total* assemelham-se neste trabalho. Assim, quando tratar-se dessas definições está se afirmando, em outras palavras, a existência de conflitos bélicos em que nações lançam-se em uma demanda pela vitória total de seu poderio e de sua ideologia, para isso lançando mão de todos os tipos de expedientes com o intuito de aniquilar os grupos considerados inimigos, tais como sacrificando vidas militares e civis de ambos os lados da contenda, destruindo localidades inteiras

sociais e aos antigos inimigos alemães não esquecidos de 1918, a Inglaterra, a França e a Rússia.

Nas três primeiras narrativas citadas acima — extraindo-se, obviamente, o narrador homodiegético — são todas encenadas por mulheres. Apesar de o século XX ter sinalizado com a edificação de uma longa estrada de conquistas para o sexo feminino, tais como a equiparação de direitos com o sexo masculino, a promoção ao exercício profissional — que se daria pelo ambíguo “esforço de guerra” (Hobsbawm, 2000, p. 146) — e o avanço da cidadania pelo sufrágio, a autonomia, no entanto, não alcançou todas estas mulheres no mesmo diapasão ao redor do planeta, o que levou a “[u]ma emancipação maior das mulheres. [...] Desse ponto de vista, a emancipação feminina só deu o primeiro passo, pois ainda não afetou a maior parte da população mundial” (Hobsbawm, 2000, p. 148) como bem diagnosticou o autor de *Sobre história* (1997).

É claro que a gélida Alemanha que se descortinou para o jovem cônsul-adjunto em 1938 foi bem mais amena do que a imagem que se descortinava para outros imigrantes tais como o adolescente e órfão Eric Hobsbawm e seus tios paternos cerca de oito anos antes — lembrada por este historiador no quarto capítulo de sua autobiografia *Tempos interessantes* (2002) —, quando estes chegavam a uma Berlim em inegável declínio econômico e erupção política, fatores responsáveis por acordar os sentimentos de anticomunismo, xenofobismo, e antissemitismo naquele povo pobre, conservador e que, progressivamente, passou a quase que só se interessar “por carros blindados e aviões de bombardeio” (Rosa, 2006, p. 153) como escreveu Rosa.

Aproximando de forma consciente a escrita factual e a estética literária nas páginas de “O mau humor de Wotan” — narrativa que abre *Ave, palavra* (1970) — Guimarães Rosa produziu uma espécie de história imediata, na qual aglutinou em si mesmo os papéis de autor, de narrador-personagem e de historiador dos acontecimentos que descreveu nos “cronicontos” dessa obra os quais se voltaram para

---

e remanejando todos os recursos financeiros, científicos e de infraestrutura para a economia dos combates.

a realidade alemã entre o final dos anos de 1930 e os primeiros anos da década de 1940. Publicado primeiramente em periódico, no *Correio da Manhã* em 29 de fevereiro de 1948, e, portanto, anterior às explosões editoriais de *Corpo de baile* e da única investida rosiana no gênero romance *Grande sertão: veredas*, ambas de 1956.

Entre as produções de Guimarães Rosa que glosam sobre os acontecimentos que envolvem a Segunda Guerra Mundial, esse “croniconto” é o mais extenso e a única que retrata o período propriamente dito dos conflitos bélicos ocorridos em território europeu por meio das experiências do casal Hans-Helmut e Márion Heubel — amigos de Guimarães Rosa no período em que este atuava como cônsul na cidade de Hamburgo — os quais metonimizam todas as vidas alemãs devastadas pelo desejo obsessivo do *Fuehrer* em obter cada vez mais espaço para os interesses de seu mítico *Reich*.

Ainda que, como afirma Hobsbawm nas páginas iniciais de sua autobiografia, todas as vidas privadas constituam “matéria-prima tanto para historiadores como para romancistas” (Hobsbawm, 2002, p. 17), as vivências pessoais (e ou reelaboradas) deste historiador de Cambridge e do autor mineiro no período em que se desenvolve a Segunda Guerra valem mais pelo que estas possuem de público e, assim, escritas do que as laudas sobre os instantes e acontecimentos reservados no espaço doméstico.

Contrariando a imagem real cultivada pela Alemanha como império do terror e da prática de barbárie, a palavra rosiana se lançou em meio a uma revolução, integrando àquelas vozes submersas no desmoronamento histórico da humanidade. No caso específico da escrita de Guimarães Rosa nas narrativas ambientadas em solo germânico sob domínio fascista, termina por concretizar mais uma aproximação desse ficcionista com o anseio de muitos historiadores europeus para os quais a cultura é muito mais o Velho Continente do que as atrocidades e desmandos de ambíguos governantes, misto de autoridade hedionda e líderes de grande apelo popular.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento deste trabalho, lanço mão, primeiramente, das concepções dos estudos da Literatura Comparada que asseguram a relação entre a matéria histórica e a produção literária, denotando, é claro, que a disciplina comparatista ainda não se encontra totalmente delimitada. Uma vez que a definição da Literatura Comparada se faz em vias de construção e sua origem a liga à História Literária, faz-se necessário um levantamento de suas possíveis zonas de atuação, no intuito de não lançarmos esta pesquisa na vala comum dos aspectos puramente tematólogicos. Desta maneira, propor um exame entre os textos de Guimarães Rosa e Eric Hobsbawm não pode resumir-se tão somente a uma identificação do que é semelhante e diferente entre estas duas escritas por intermédio de uma justaposição de elementos passíveis de comparação tais como Texto X *Texto* e também Autor X *Autor*.

Simultaneamente, aplica-se a proposta jaussiana de uma hermenêutica literária centrada na recepção, por meio da reconstituição do chamado horizonte de expectativas desses leitores-observadores (Guimarães Rosa e Hobsbawm) no contexto histórico da virada dos anos 1930-1940. Consoante o pensamento de Jauss, o qual dispõe a historicidade literária como “um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (Jauss, 1994, p. 25).

Trata-se, por fim, de uma pesquisa eminentemente bibliográfica, centrada na obra rosiana e na do autor de *Era dos extremos* (1994). Tratando o passado para eles demasiadamente próximo, e, portanto, de difícil compreensão como foi a história do Velho Continente na primeira metade do século XX, época em que projetos e sonhos de jovens intelectuais ainda em formação e/ou personagens reais ou ficcionalizados foram adiados ou destruídos por ocasião do período que abrangeu três décadas.

Demasiadamente atento aos movimentos históricos confusos que no século

passado obrigaram as sociedades ocidentais a fazerem uso de aspectos como a ambiguidade, Guimarães Rosa propôs em algumas narrativas curtas de *Ave, palavra* um embaralhamento proposital de gêneros em prosa tais como a crônica e o conto.

Assim, nessa fusão, surge os denominados “cronicontos” nos quais há um espelhamento estético, já na forma, dos dúbios torneios que marcaram as diversas divisões nacionais em confronto ao longo do “breve” século XX de acordo com Hobsbawm em seu título mais conhecido no Brasil, *Era dos extremos*. Nestas composições — como as demais produções deste ficcionista mineiro — lança-se um grande problema para a recepção crítica do autor que é a dificuldade em delimitá-las nas fronteiras bem marcadas das categorias narrativas de gênero.

A questão, a princípio, pode parecer insignificante, mas, em essência, não o é, haja vista que o leitor — conceito mais lembrado na Estética da Recepção — ao se debruçar diante de um texto seja este literário ou (inferência minha) de outra natureza como o histórico, o lê projetando sentidos previamente esperados dentro das tipologias textuais por intermédio dos conhecimentos de mundo apreendidos, nas palavras do autor de *Experiência estética e hermenêutica literária* (1992), este local de onde se lança o leitor é o seu “horizonte de expectativas” acerca dos significados da obra lida.

Absolutamente nada nas obras de Guimarães Rosa é facultativo ou adicional como possa parecer a princípio ao leitor iniciado ou desatento. Acerca da crônica na produção rosiana recorta-se o depoimento do também cronista do *Correio da Manhã* Antonio Callado (1917-1997) sobre o autor de *Sagarana* (1946). Callado inicia o seu testemunho com a breve constatação de que “Rosa era intensamente autobiográfico” (Callado, 2011, p. 9) e de que, apesar de um grande domínio do conto, o autor de “Campo geral” não se movimentava muito bem nas páginas da crônica. “Quer dizer, não era o gênero dele, e não tinha muito a ver, mesmo assim era enfeitadinha, mas não é bom” (Callado, 2011, p. 13).

Opiniões à parte, o conteúdo de *Ave, palavra* rompeu com a exclusiva ambientação sertaneja tão presentes em *Sagarana*, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, esta coletânea reúne em suas 274 páginas o mergulho rosiano em outros rios literários, tais como oratórios, anotações feitas em visitas a zoológicos europeus — londrinos, parisienses e, predominantemente, os de Hamburgo — e fragmentos de diários.

## MULHERES SEM TEMPO PARA AMAR

Sob muitos aspectos, o casal sobre o qual se dobra o enredo do “croniconto” “O mau humor de Wotan”, nada tem dos homens e mulheres jovens da Alemanha, considerados pela historiografia contemporânea, como a escrita pela norte-americana Wendy Lower a qual em *As mulheres do nazismo* (2013), uma geração perdida, uma juventude germânica historicamente “intransigente” (Lower, 2014, p. 27). Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen são assim exemplos bem acabados de alemães liberais formados, sobretudo, nos dourados anos de 1920 em que as liberdades civis chegavam a uma expansão ainda não sentida por uma parcela da população germânica e europeia como um todo que se faria conhecer em suas reivindicações mais veementemente entre as décadas de 1960 e 1970 em um mundo sob uma nova configuração geopolítica, todavia, infelizmente não menos hostil. Esta camada então negligenciada era formada pelas mulheres, as quais inscritas no interior do “caos e da incerteza da modernidade e da democracia” (Lower, 2014, p. 30) de Weimar<sup>3</sup>, descortinavam diante dos olhos um horizonte deveras diferente para elas e suas pretensões políticas e econômicas.

---

<sup>3</sup> A chamada *República de Weimar* (1919-1933) foi um modelo controverso de governo democrático na Alemanha com sede nessa cidade (Weimar) na região central do país. Instituído pós-Primeira Grande Guerra e completamente extinto com a tomada do poder político alemão pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (ou Nazista) e pela ascensão de Adolf Hitler na primeira metade da década de 1930. Se por um lado, esse paradigma político avançou em setores como a livre manifestação das práticas culturais, por outro não conseguiu conter o descontentamento das massas populares germânicas com a hiperinflação e as altíssimas taxas de desemprego o que, sob certos aspectos, levou muitos eleitores a simpatizarem com os discursos nacionalistas proferidos pela extrema direita nazista.



Anteriormente ao surgimento dos movimentos de luta pela igualdade e pelos direitos femininos, a palavra estética de Guimarães Rosa traz essas mulheres germânicas para a boca de cena, como protagonistas de suas composições que glosam acerca da Alemanha em seus momentos prévios e dos combates propriamente ditos da Segunda Guerra tirando-as das bermas a que estavam condicionadas ao redor do planeta nos primeiros anos do século passado e, mais especificamente dentro do sistema autoritário alemão, o qual não queria o sexo feminino nem nas suas fileiras militares e nem tampouco na linha de frente do Partido, atitude extrema que atendia à misoginia do *Fuehrer*, característica difundida na biografia assinada pelo historiador de origem semita Ian Kershaw. Diante das portas hermeticamente fechadas pelos filiados do Partido Nacional-Socialista, o qual não aceitava incorporação das mulheres nem as cogitava como possíveis nomes em candidaturas (cf. Lower, 2014, p. 31) por que as *conservadoras alemães* emprestaram seus pés à marcha hitlerista?

O caminho mais provável para a construção da resposta a essa questão foi encontrado por Wendy Lower, a qual aprofunda o exame dessa personagem história na Alemanha, nos depoimentos colhidos de alemães contemporâneas à época da pujança do nazismo reunidos em mais de duas décadas de pesquisa. Segundo a autora de *As mulheres do nazismo*, estas encontravam-se preocupadas com a própria família, maridos e filhos para os quais ansiavam por um futuro distante da “sub-humanidade” (Lower, 2014, p. 32) a que se deparavam, a seu ver, os alemães depois da derrocada na Primeira Guerra e novamente condenados pelo violento tropeço do capitalista no crepúsculo do decênio de 1920, o qual tornou senão impossível, ao menos perigoso o viver na Alemanha nos anos caóticos anteriores à política bélica e antisemita de Hitler.

A narrativa “O mau humor de Wotan” inicia-se historicamente nos ares misteriosos da primavera de 1938 quando a cobiça hitlerista agarra a região montanhosa da Tchecoslováquia. Esse fato ocorreu historicamente devido a extremada cautela do chanceler britânico Neville Chamberlain (1869-1940) que levou a Inglaterra e a França — convencida pelos temores ingleses de jogar novamente o

Continente europeu às malhas de Marte e de uma derrocada econômica definitiva — a assinar com Hitler o “Acordo de Munique”.

Esse episódio é lembrado pelos pouquíssimos ensaios produzidos pela recepção crítica rosiana que — como o de João Batista Santiago Sobrinho intitulado “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em ‘O mau humor de Wotan’” (2009) — mencionam o nome de Hobsbawm, mas mantendo-o, como nos demais trabalhos sobre a obra de Guimarães Rosa, não como possibilidade de confronto com a escrita do mineiro, mas somente para pontuar ou explicar brevemente um aspecto do século passado, ou como comprovação erudita dos ensaístas, apontando o conhecimento de que Hobsbawm demonstrou interesse pelo tema da Segunda Guerra tal como no enredo forjado pelo autor de *Ave, palavra*.

Fazendo uso de uma leitura retrospectiva da História, o comportamento extremamente pacifista de Chamberlain garantiu o tempo necessário para que o grande inimigo da humanidade no século XX pudesse se organizar militarmente. Poucos observadores atentos dos fatos, como Guimarães Rosa sentiram o perigoso caminho que a longa hesitação do político britânico erigia para todo o globo, culpando-o, por isso, pela escalada do terror fascista na primeira metade do século passado.

Ao citar os discursos radiofônicos de Winston Churchill (1874-1965) em “O mau humor de Wotan”, Guimarães Rosa relembra mais um fato ocidental importante ocorrido no século passado, que foi a massificação da informação e da cultura por meios tecnológicos. Ao lado do cinema e do futebol, o terceiro maior veículo de massa na primeira metade dos anos do século XX foi o rádio. Essa tríade navegou na contracorrente dos fatos transcorridos na chamada Era da catástrofe.

Não obstante, além da possibilidade de conexão com o que se passava na Europa, o rádio promoveu uma profunda alteração no cotidiano do Continente e das pessoas que — em plena época de Depressão social e econômica — puderam adquiri-lo, a qual “foi simultaneamente privatizar e estruturar a vida de acordo com um horário rigoroso, que daí em diante governou não apenas a esfera do trabalho, mas a

do lazer” (Hobsbawm, 1995, p. 195). Dessa maneira, por intermédio do aparelho sonoro:

até o surgimento do vídeo e do videocassete, sua sucessora, a televisão — embora essencialmente centrado no indivíduo e na família, criou sua própria esfera pública. Pela primeira vez na história pessoas desconhecidas que se encontravam provavelmente sabiam o que cada uma tinha ouvido (ou, mais tarde, visto) na noite anterior: o grande jogo, o programa humorístico favorito, o discurso de Winston Churchill (Hobsbawm, 1995, p. 195).

A mesma presença de Churchill ouvido nas rádios por Guimarães Rosa (e, curiosamente também pela entusiasmada mãe alemã de Márion Madsen) foi igualmente compartilhada na não tão distante Londres por Hobsbawm, contudo, diferente do cônsul brasileiro em Hamburgo. Por ser europeu (ou centro-europeu como mais o apreciava — apesar de ter nascido no Egito sob domínio britânico, em 1917), Hobsbawm, de forma semelhante a personagem acima lembrada de “O mau humor de Wotan”, relata em *Tempos interessantes* que compactuou com a opinião do autor assumidamente anticomunista de *Memórias da Segunda Guerra Mundial* (1948-1953) de que era preciso urgentemente uma atitude mais ofensiva por parte do governo real contra o responsável histórico da Segunda Grande Guerra, haja vista que, naquele momento, “a situação da Grã-Bretanha era desesperadora” (Hobsbawm, 2002, p. 184) ocasionada, na observação da época por uma grande parcela de britânicos menos como pacifista do que como “‘culpados’ que tinham levado [a ilha saxônica] àquela situação” (Hobsbawm, 2002, p. 185).

Contrastando com esse embrólio político, Guimarães Rosa inicia “O mau humor de Wotan”, ambientando suas principais personagens dentro de um cenário germânico ao mesmo tempo bucólico e cosmopolita descrito em meio às belezas da primavera com aspectos românticos que convidam jovens ao namoro e às audições dos melhores compositores alemães. O autor de *Ave, palavra*, então, nos torna espectadores da tragédia protagonizada por Márion e Hans-Helmut, seres inconveniente híbridos em desconcerto com uma nação que deflagrava, ao longo deste decênio, a apologia à

pureza racial e a intolerância a tudo o que não fosse legitimamente alemão. Tanto Márion, cujos sonhos levavam-lhe a uma existência doméstica, quanto Hans-Helmut, de personalidade plácida, religiosa e amante da mansidão e das artes têm seus destinos arrastados para uma guerra da qual pouco sabiam ou mesmo poderiam relatar em suas experiências e que, gradualmente, alteraria aquele ambiente até então onírico.

Envolvidos em sentimentos do amor este casal parece esquecer que, como lembra George Steiner (1929-2020) em *O castelo do Barba Azul* (1991), “[o]s sonhos circunstanciais são a garantia de futuros pesadelos” (Steiner, 1991, p. 19), uma vez que esses se desenvolvem paralelamente ao crescimento do terror nazista pela Europa, revelando, ao mesmo tempo, como um revolucionário e silencioso ato contra a vontade irascível de poder do *Fuehrer*.

Tendo Hans e Márion Heubel, como relata o narrador, passado a sua lua-de-mel na capital da Bélgica, um dos países invadidos pelas tropas alemãs menos de um ano depois, em maio de 1940, mostrando-se indiferentes, devido ao enleio amoroso, aos acontecimentos quase simultâneos ocorridos no restante do leste europeu, como a expansão do poder militar de Hitler, primeiramente em algumas cidades importantes da Polônia — país que receberia a maior parte dos campos de concentração nazista espalhados pela Europa — como a capital Varsóvia, devastada por ataques aéreos e bombardeios, em 29 de setembro de 1939, quando as tropas alemãs a tomam no intuito de mitigar a sede incessante de Hitler no Leste europeu.

Por estar arraigado a alguns aspectos da crônica, o enredo dessa narrativa deixa vaziar algumas marcas temporais, como esta que sinaliza o verão de 1938 (entre 21/06 a 29/09). Isto, deve-se dizer, é algo raro na escrita de Guimarães Rosa como podem apontar seus leitores mais costumeiros. Pelas primeiras palavras já podemos observar que o narrador encontra-se em um tempo posterior aos fatos que serão descritos, em outras palavras, “O mau humor de Wotan” é narrado pela retrovisão de Guimarães Rosa, o qual, portanto, já conhece todo o desfecho infeliz das personagens.

Todavia, por outro lado, como uma das características que compõe o gênero conto, o qual — segundo vários teóricos da literatura — não se deve curvar diante da ditadura da realidade factual como a crônica que retira o seu nome justamente desse aspecto transitório que é o tempo histórico — Guimarães Rosa forja uma derivação imprópria com o intuito, talvez de tentar borrar as marcas temporais deixadas na narrativa, haja vista a informação da cedência britânica aos primeiros anseios territorialistas de Hitler.

Entretanto, é importante frisar que, como se trata de um relato memorialístico, as lembranças individuais tendem a se ater a blocos de episódios históricos vividos. (Cf. Halbwachs, 2003, p. 71-111). A expressão “primaverazmente” (Rosa, 1970, p. 3) é mais uma das criações rosianas a confirmar tristemente a passagem da nação alemã de uma atmosfera harmoniosa para a de centro nervoso da catástrofe no século passado, imagem histórica que — apesar de múltiplos esforços empreendidos pela sociedade germânica — ainda perdure na memória do Ocidente.

É relevante perceber que esta narrativa centra-se em homens e mulheres comuns do século XX, personagens deslocados do ambiente, haja vista que, enquanto Márion exerce o papel esperado para as mulheres pelo Partido que é o da divulgação dos ideais nazistas, tentando, mais por inconsciente prudência do que por forte convicção, trazer Hans-Helmut para as frentes hitleristas.

No que toca a protagonista feminina desta narrativa, ao invés de conduzir o marido ao pensamento nacionalista, é o esposo que a traz para os ideais de vida carregados pelos sabores estéticos. Dessa maneira, Guimarães Rosa aproveita para, ficcionalmente, se rebelar contra o *establishment* nazista ao questionar Márion a respeito de sua vontade de ter um filho para agradar Hitler, o qual recebe de imediato a resposta: “O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...” (Rosa, 1970, p. 3), mostrando que a atitude de Márion Madsen é diametralmente oposta ao que impunha o fascismo alemão às mulheres germânicas.

Acerca desse momento de “O mau humor de Wotan” lembro que em seu *As mulheres do nazismo*, a historiadora Wendy Lower aborda que Hitler esperava das mulheres alemães um comportamento submisso e espartano, abrindo “mão do próprio corpo, agora colocado a serviço do Estado” (Lower, 2014, p. 35) no intuito de dar à luz crianças arianas fortes e saudáveis.

### CORAÇÕES SEM UM MÍNIMO POUSO À GUERRA

O comportamento do marido de Márion não é esperado pelo *status quo* germânico, já que apresenta, dentre outros, um traço que distingue a natureza de Hans-Helmut da dos demais alemães que seguiam obedientes as determinações de Hitler, haja vista seus gostos que “tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito; aconselhava Márion a maquilar-se” (Rosa, 1970, p. 4), pois, para os partidários da nacional-democracia, o culto da vaidade e o uso de produtos cosméticos eram expressamente condenados como um comércio exclusivamente judeu, o qual propagava a “vulgarização da feminilidade alemã” (Lower, 2014, p. 38) e degenerava a raça ariana, levando as mulheres à prostituição.

A personagem Hans-Helmut apresenta uma essência híbrida, mesclando os valores germânicos acima apresentados e uma semelhança cultural e esportiva com os países românicos, os quais em um remoto passado seduziram povos como os Teutões e os Cimbrós para regiões que na atualidade abarcam as fronteiras da França, os quais pelo visto não conseguiram apagar em seus descendentes os traços da barbárie e da violência, ambos guardados no coração de alguns indivíduos germânicos.

Em sua primeira convocação militar, a sorte ainda brilhava para o jovem Sr. Heubel, inapto para os combates e para as trincheiras, exerceu tarefas meramente burocráticas como as “funções de chofer e datilógrafo” (Rosa, 1970, p. 5) semelhantes às experiências vivenciadas por Hitler na Primeira Grande Guerra, obrigações nas quais realmente pouco pode observar da violência e da brutalidade dos combates,

como demonstra o repetido e monocórdico relato que faz quando é perguntado acerca das empresas bélicas as quais se lançou a Alemanha:

— “Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente...”  
Nunca o notara mais honesto, desvincado. Resumindo em nada sua experiência guerreira, negava a realidade da guerra, fiel ao sentir certo e à disciplina do pensamento (Rosa, 1970, p. 6).

O silenciamento acerca dos cruéis eventos por parte da personagem rosiana é o primeiro ponto inovador da leitura feita pelo professor de Literatura Brasileira da USP Jaime Ginzburg para esta narrativa em seu ensaio intitulado “Guimarães Rosa e o terror total”. Ginzburg aproxima a negativa de Hans-Helmut da incapacidade de transmissão dos acontecimentos vivenciados em ambientes de catástrofe observados por Walter Benjamin (1892-1940) em um de seus escritos sobre a teoria da narração, intitulado “Experiência e pobreza” (1933).

O jovem Hans-Helmut compartilha com seus contemporâneos outro paradigma de pobreza narrativa mencionada por Benjamin, mas não levada em consideração por Ginzburg, a provocada pela barbárie. Não obstante, essa miséria em sua experiência da guerra contrasta com a abundância de requintes obtidos em sua passagem pelas fronteiras francesas dominadas pelo poderio nazista no primeiro semestre de 1940.

Achava-se aboletado, cerca de Chantilly, em castelo, onde havia um parque ameno e infindáveis vinhos, adega soberana. Eram cartas vagarosas, graças, inclusive, **a crescente amor pela França**. Recomecei a aceitar sua tese: **Hans-Helmut não dava, no coração, mínimo pouso à guerra, e pois o destino fora da guerra o suspendia** (Rosa, 1970, p. 5, grifo meu).

Em seu brevíssimo relato — ainda que reiterado por duas vezes ao longo da narrativa —, de que o que viu da guerra havia sido somente “cavalos e cachorros mortos, felizmente” (Rosa, 1970, p. 5), Hans-Helmut denota também uma clara diferenciação benjaminiana de “vivência” e “experiência”, que de acordo com Jaime Ginzburg em outro ensaio, o “Autoritarismo e literatura” (2000), “não há como assimilar uma experiência como essa sem sofrer seu impacto, e ter abaladas as bases

de nosso pensamento” (Ginzburg, 2000, p. 46). Com o respeito devido ao trabalho de Ginzburg, contudo, é preciso lembrar que estamos diante de um Guimarães Rosa que em diversas de suas narrativas privilegiou o minimalismo deixando informações sutis, mas não menos revelantes. Por isso, ao tratar especificamente de “cachorros mortos”, a curta narração da personagem toque em uma das poucas feridas profundas e abertas em Hitler e, assim, permitido, pelo menos na palavra estética, um delicado golpe naquele sujeito histórico responsável, em grande parte, pelo retorno da barbárie ao século XX.

Nas páginas de sua biografia acerca do Senhor da Alemanha entre os anos de 1930 e meados de 1940, o historiador Ian Kershaw capta um retrato de corpo inteiro do jovem Adolf Hitler, demasiadamente introspectivo em seu recente aniversário de 26 anos. O então mensageiro Adolf era pouco afeito aos amigos e aos assuntos banais e pueris envoltos nas conversas dos rapazes. Em maio de 1915, Hitler só dedicava verdadeira afeição aos cachorros, animais que protegeu enquanto *Fuehrer* e com quem se deixou fotografar diversas vezes ao longo de sua vida:

[s]eu único afeto verdadeiro parece ter sido para com seu cão, Foxl, um terrier branco que se extraviara das linhas inimigas. Ensinou-lhe truques e deleitava-se ao ver como o animal estava ligado a ele e como ficava feliz ao vê-lo retornar de suas ocupações. Mais adiante na guerra, ficou consternado quando sua unidade teve de avançar e não conseguiu achar Foxl. **“O porco que o tirou de mim não sabe o que me fez”**, foi seu comentário, muitos anos depois. Não tinha o mesmo sentimento em relação aos milhares de seres humanos que viu serem massacrados a seu redor (Kershaw, 2010, p. 90, grifo meu).

O ficcionista Guimarães Rosa faz-se um talentoso observador histórico ao retirar do papel secundário as pessoas comuns, cuja importância, na maioria das vezes sem perceber, ajudou a consolidar regimes totalitários, sem nem mesmo precisarem se filiar ou seguir as diretrizes do Partido Nacional Socialista, haja vista que, em cada bairro, o nazismo motivou os alemães a construir uma espécie de sociedade policial como se pode denotar em “O mau humor de Wotan” com a casa do casal K. e Annelise. Família que, nas poucas e lacônicas descrições que escapam ao enredo, é formada por



entusiastas do Regime nazista, portanto, possuidores de uma personalidade divergente da de Hans e Márion Heubel.

No momento de nomear as suas personagens alemães, Guimarães Rosa deixa transparecer explicitamente sua memória literária, prestando homenagens a importantes representantes da Língua germânica como Schiller e o tcheco Franz Kafka, este último reverenciado graças a sua importância para a tradução da contemporaneidade, na qual desenvolveu um apego pelo absurdo que revela o estado extremo de incompreensão “da situação humana, individual e coletiva” (Hobsbawm, 1995, p. 188). Em suas obras surgem protagonistas como Josef K. e o agrimensor K., ambos injustiçados e sumariamente condenados sem que suas consciências, sequer conheçam a prática ou a motivação de seus ignotos “crimes”. Na demanda por suas respectivas defesas, buscam pelo Estado e são enredados por tentáculos burocráticos dos quais não conseguem se desvencilhar, perecendo sem jamais alcançar ou vislumbrar o interior do palácio dourado da Justiça.

Em “O mau humor de Wotan”, além do pontual sobrenome K., há também o pai de Annelise, defensor do modelo ditatorial e belicoso de Hitler, o qual se configura na maldade em pessoa: o Dr. Schwartz — cujo sobrenome, sendo ficcional ou histórico, revela a natureza de sua alma sombria e ilícita — é uma daquelas pessoas que por meio de denúncias e outras artimanhas escusas ajudou na concretização do processo de ascensão de regimes fascistas.

De acordo com as descrições deste apresentadas ao narrador por Márion, Dr. Schw. é caracterizado como “um homem crasso, persuadido, sem grão de alma. Vivendo de cor os conceitos: glória, o que mal sei, mais-pátria e raça... os desses. Discursam, pisando na mão de uma criança...” (Rosa, 1970, p. 11). Essa odiosa personagem torna-se importante na economia de “O mau humor de Wotan” e na compreensão histórica da sociedade alemã nesse período pois se faz metonímia de todo o povo alemão que, no período, concordou e legitimou a política de Hitler.

Das cinco vezes em que esta personagem aparece na narrativa, em apenas uma seu nome aparece completo, como se, só no final, o narrador expusesse o mal por inteiro e não em sua forma fragmentada. De índole militar, esta personagem – junto com a filha Annelise e o genro, capitão K. – é um daqueles cidadãos que se orgulham em “trabalhar para o *Fuehrer*”, denunciando e, lançando mão de outros expedientes, ajudando na consolidação do regime hitlerista. Tal caracterização de brutalidade e crença nos ideais do Partido Nazista, fazem deste e também de seu genro e “amigo” de Hans-Helmut, Capitão K., homens de natureza muito distinta da do esposo de Márion.

Denunciado “anonimamente” aos comandos militares do “Senhor da Guerra” alemão Hans Heubel é designado para as trincheiras propriamente ditas, bem diferente do que anteriormente se deu em sua primeira convocação e condenado por sua anterior “ação indolente” a obedecer os dogmas do sistema nazistas para homens e mulheres: a saber, o de não tolerar a dissidência de seus postos, levando Hans a descobrir o que anos mais tarde saberia Guimarães Rosa em Bogotá, que “toda liberdade é fictícia, nenhuma escolha é permitida” (Rosa, 1969, p. 180).

A participação popular alemã na perseguição aos inimigos do sistema, germânicos ou não, é um tema que ganha força na produção historiográfica sobre os estudos do nazismo e de suas origens. No movimento nazista, as mulheres como a sra. Annelise K., por exemplo, eram orientadas pela propaganda nazista a não se limitarem às fronteiras domésticas dos três Ks: *Kinder, Küche, Kirche* [em tradução não literal: crianças, casa, crença] as quais “vivenciaram uma espécie de liberação na camaradagem” (Lower, 2014, p. 37) dentro, todavia, de suas restritas existências domésticas.

Como sintetiza Wendy Lower:

Uma ditadura não requer uma grande força policial de serviço secreto quando os vizinhos se prestam a fazer o trabalho de vigilância, por medo, conformismo, fanatismo ou rancor. Os motivos pessoais e políticos eram bem definidos. Os membros mais vulneráveis da

sociedade, os que vivem à margem, são dispensáveis (Lower, 2014, p. 34).

Curiosamente, a cada encontro do casal Heubel com a família K., a situação militar de Hans-Helmut sofre uma mudança gradativa, arrastando-o para mais perto dos combates, enquanto Márion, em seu comportamento contrário ao do arianismo, investe seu tempo em assuntos amorosos. Ao longo de toda a narrativa, vê-se a tentativa revolucionária de Márion em resistir à guerra — introduzindo beleza e esperança em um ambiente que respira o hálito quente dos conflitos bélicos — só quebrada nas visitas a então “amiga” para quem implora constantemente para que consiga, com a influência do capitão K., o regresso do marido.

Todavia, Annelise, fiel aos planos hitleristas, muda o seu comportamento fraternal com Márion, passando a desprezar a antiga amiga como alguém pouco patriótico, decretando, assim, o desfecho infeliz do casal rosiano.

Mesmo sabendo de tudo isso e evidentemente apoiando uma ofensiva dos aliados contra às forças militares alemães e do Eixo, Guimarães Rosa não deixa de mostrar o reverso da medalha deste conflito bélico com a fala de um bom alemão vítima do nazismo. Em conversa franca com Hans, o narrador ouve as lúgubres palavras da ambígua personagem: “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?” (Rosa, 1970, p. 7). Esta é a primeira vez em que a personagem afirma abertamente a sua real impressão sobre o Regime, mostrando com esta atitude que não era ele um alienado político, só alguém que sabia o alto preço a ser pago para quem discorda do *establishment*. Todavia, Hans-Helmut reconhece o impasse em que se encontra o seu povo entre o medo do nazismo e a fobia de uma derrota que levaria os alemães a um precipício econômico ainda mais abissal que aquele cavado antes pela Primeira Guerra Mundial.

A descrição do desaparecimento de Hans-Helmut é breve desfazendo qualquer tentativa de tensão lírica. Em sua morte, Hans-Helmut simboliza o fatal aniquilamento da Alemanha ocorrido alguns meses depois, o segundo em um curto intervalo no

século XX. Guimarães Rosa, que, em “O mau humor de Wotan”, abre espaço para tantos dados históricos que movimentaram os anos de conflitos provocados na Europa pela Alemanha não demonstra interesse pela narração do crepúsculo desta nação.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho buscou-se adentrar pelas lacunas existentes entre a História e a Literatura, no intuito de repensar alguns aspectos menos consistentes do ponto de vista teórico-crítico acerca do século XX e, simultaneamente, estudar o universo estético e o histórico-cultural de “O mau humor de Wotan”, em uma relação comparatista com outros textos da literatura ocidental, como a produção historiográfica de Eric Hobsbawm dentre outros intelectuais, também talentosos observadores históricos.

Em uma leitura como a que foi proposta neste artigo pode-se contrariar a cegueira de uma parcela dos críticos rosianos que viam Guimarães Rosa como alienado em relação aos problemas sócio culturais em suas páginas. Longe de negar os fatos históricos que permeiam toda a estrutura narrativa, o autor neste “croniconto” apresenta uma anti-imagem da Alemanha, ou pelo menos de um país não somente envolto em intolerância e em assuntos de guerra, às portas dos grandes acontecimentos que eclodiram na declaração da Segunda Grande Guerra no crepúsculo da década de 1930 — e que começam a acinzentar a atmosfera das nações ocidentais. O país de Goethe (1749-1832) em nada se pareceu nesse momento histórico com aquele que calçou os valores humanistas cultuados por todo o século XIX.

No interior de algumas dessas composições de *Ave, palavra*, o autor propõe um meticuloso trabalho de confluência entre os gêneros literários que privilegiam o espaço da Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial propriamente dita é outra mostra de que o autor mineiro, longe de querer negligenciar a importância dos fatos históricos recorre a expedientes já conhecidos na produção estética ocidental, a qual para enfrentar problemas semelhantes aos observados por Guimaraes Rosa no país sob domínio

nazista, tais como a relação do Estado autocrático com os indivíduos por este governados, uma vez mais na produção rosiana a palavra sai em demanda pela investigação dos comportamentos humanos, dessa vez em ocasiões extremadas como as que foram vivenciadas no Ocidente, naquele que foi o Continente mais ambíguo do planeta, a velha Europa, berço e féretro onde se deitou ideais como a civilidade.

O final da narrativa “O mau humor de Wotan” comprova que Guimarães Rosa acredita no humano em sua dimensão individual, o que não se estende à política ou aos regimes totalitários do Leste e do Oeste do Velho Continente. Quase uma década antes das revelações que o socialismo real não espelhava os ideais de seus seguidores pelo mundo, Guimarães Rosa, lucidamente a frente de seu tempo — contrariando a visão de uma parcela mínima de sua crítica — mostrava que a autocracia soviética era, para o homem comum como Hans-Heubel, tão somente um outro ângulo da corrompida suástica, haja vista que, assim como o Bem e o Mal, o fascismo alemão e o socialismo real soviético são só na aparência forças apartadas.

É inevitável para quem se lança no estudo da cultura no século XX ou no da palavra literária não passar pelas sendas perigosas das catástrofes ocorridas na primeira metade do século passado, na tentativa, talvez de responder por que depois de um longo período em que se consolidaram paradigmas e valores humanistas, as sociedades ao longo do globo encontraram a ruína diante da vontade violenta de políticas fascistas, haja vista que “[a]o nos inclinarmos com demasiada fixação sobre o horror, sentimo-nos estranhamente atraídos” (Steiner, 1991, p. 41) como assevera o crítico George Steiner.

De tudo o que ficou das catastróficas experiências do século passado, a pior é a constatação de que a lição histórica não foi ainda verdadeiramente aprendida depois de 80 anos pois continuaram a ocorrer depois episódios de ódio e intolerância. Exemplo desse calcamento do passado recente e de suas dolorosas consequências foi vivenciado pelos alemães habitantes de outros países na Europa no pós-Segunda Guerra, esses também se tornaram vítimas de processos de purificação étnica,

mirando-se assim, no espelho usado para observar outras minorias como os judeus e os ciganos — grupo, que na comparação aos números de judeus mortos nos campos de concentração localizados principalmente na Polônia — aparecem quase como um pequeno apêndice na lista de vítimas de intolerância durante os períodos de maior brutalidade contra as minorias no território europeu. No caso específico, dos Sudetos pós-Segunda Guerra, a expulsão de civis alemães deste território tcheco pelos decretos do então presidente Edvard Beneš (1884-1948) devem ser lidos mais como uma resposta revanchista pelos acontecimentos decorridos entre 1938 — delicado episódio destacado por Guimarães Rosa no princípio de sua narrativa “O mau humor de Wotan”.

## REFERÊNCIAS

BONIATTI, Ilva Maria Bertola. **Literatura Comparada: memória e região**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

CALLADO, Antonio. **Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 7-16.

GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: **Literatura e guerra**. (Orgs.) CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 17-27.

GINZBURG, Jaime. **Autoritarismo e literatura: A História como trauma**. Vidya. v. 33, n. 2, p. 43-52, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBBSAWM, Eric John. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBBSAWM, Eric John. **O novo século: entrevista a Antonio Polito**. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOBBSAWM, Eric John. **Era dos extremos: o breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LOWER, Wendy. **As mulheres do nazismo**. Trad. Ângelo Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

ROSA, João Guimarães. Correspondências. In: GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito: a infância de João Guimarães Rosa**. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2006. p. 124-169.

ROSA, João Guimarães. O mau humor de Wotan. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970. p. 3-12.

ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.

SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em "O mau humor de Wotan", de João Guimarães Rosa. **Revista Investigações**, Recife, n.1, p.133-150, jan. 2009.

STEINER, George. **No castelo do Barba Azul: Algumas notas para a redefinição da cultura**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.